



A UMBANDA COMO NOVA RELIGIÃO NO SÉCULO XX

Luana de Oliveira Tobias¹

¹Graduanda do curso de História da Universidade do Sagrado Coração. Artigo desenvolvido sob a orientação dos professores: Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa e M.e Roger M. M. Gomes.

RESUMO

Nas primeiras décadas do século XX, o pensamento médico contra o espiritismo radicalizou-se. Na década de 1920, a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro preconizava que o espiritismo não somente comprometeria a saúde das pessoas como se associava a anomalias psíquicas. A Umbanda é considerada uma religião brasileira de origem africana, pois juntou o catolicismo branco com a tradição dos orixás da vertente negra e também com os símbolos, espíritos e rituais de referência indígena, inspirado nas três fontes básicas do Brasil mestiço. Este artigo tem como objetivo analisar a formação da Umbanda no Brasil no século XX, partindo do Rio de Janeiro, na década de 1920, por meio de discussão historiográfica e análise de textos de pastoral da Igreja católica. Considera-se o seu crescimento, suas características e as dificuldades para a prática da religião no país, bem como a sua relação com o Candomblé, com o Kardecismo, e reflete sobre a posição da Igreja Católica perante essa religião.

Palavras-chave: Umbanda. Conflitos. Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

Nas primeiras décadas do século XX, o pensamento médico contra o espiritismo radicalizou-se. Segundo a historiadora Del Priore (2014), em 1927, a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro promoveu um “inquérito” sobre o tema com a opinião de onze médicos e, segundo eles, o espiritismo não somente comprometeria a saúde das pessoas como se associava a anomalias psíquicas. Era visto como um “fator de doença mental”, passando a fazer parte do senso comum de médicos e psiquiatras.

Apresentavam-se estatísticas que colocavam o espiritismo como terceiro fator entre as causas de alienação mental, logo atrás da sífilis e do alcoolismo. No entanto, o livro de Leonídio Ribeiro e Murilo Campos, chamado “Espiritismo no Brasil”, transformou as concepções médicas sobre a doutrina, como um estudo “clínico e médico-legal”.

ORIGENS DA RELIGIÃO

Para compreender melhor como ocorreu a formação da Umbanda é necessário analisar as mudanças sociais que estavam acontecendo na época, no Brasil. Historiadores e sociólogos consideram o ano de 1930 – tomada do poder de Getúlio Vargas – como sendo o limite entre duas fases diferentes da história brasileira.

Até os anos 30 observava-se a desagregação do antigo sistema, isto é, o fim de uma sociedade que baseava sua produção no trabalho agrícola. Depois de 1930, há a consolidação do movimento que se esboçava desde os fins do século XIX, com a urbanização, a industrialização e a sociedades de classes, que se tornam realidades sociais.

A formação da Umbanda segue as linhas traçadas pelas mudanças sociais. Para os umbandistas, os anos 30 representam uma ruptura com o passado, um passado simbólico, bem entendido, o que permite a reinterpretação das antigas tradições. A respeito do nascimento da religião, Ortiz (1978, p. 29) enfatiza:

O nascimento da religião umbandista deve ser aprendido neste movimento de transformação global da sociedade. A Umbanda não é uma religião do tipo messiânico, que tem uma origem bem determinada na pessoa de messias, pelo contrário, ela é fruto das mudanças sociais que se efetuam numa direção determinada. Ela exprime assim, através de seu universo religioso, esse movimento de consolidação de uma sociedade urbano-industrial.

A síntese umbandista pode conservar parte das tradições afro-brasileiras, mas para estas manterem-se, foi preciso reinterpretá-las, normatizá-las e codificá-las. De acordo com Ortiz (1978), a sociedade não está mais em presença de um culto afro-brasileiro, mas diante do escravo que se tornou proletário.

Segundo Batiste (1985 citado por TRAMONTE, 2014), a Umbanda pode ser classificada como uma religião afro-brasileira. Seu nascimento é creditado a partir da urbanização que destrói a comunidade negra para em seguida reorganizá-la em novos liames sociais.

Surgiu um marginalismo, resultando do processo de transição do Brasil agrário para o moderno, devido a rapidez das transformações. O negro se proletariza, o imigrante é assimilado e derivam fenômenos de reintegração social e cultural. Nessa reestruturação, “[...]”

o que restou das religiões africanas será por sua vez retomado e reestruturado para fazer nascer o que denomina ‘espiritismo de Umbanda’. [...]”.

Já Ortiz (1978, p. 14) acredita que a Umbanda aparece como uma religião nacional que se opõe às religiões de importação, como o catolicismo, kardecismo e protestantismo. “Não nos encontramos mais na presença de um sincretismo afro-brasileiro, mas diante de uma síntese brasileira, de uma religião endógena.”

“EMBRANQUECIMENTO” E “EMPRETECIMENTO”

Para entender “uma capital federal branca” é necessário compreender o nascimento da religião umbandista, realizando uma análise no quadro dinâmico de dois movimentos da época, sendo eles: o “embranquecimento” das tradições afro-brasileiras e o “empretecimento” de certas práticas espíritas e kardecistas.

O “embranquecimento” seria “para subir individualmente na estrutura social, o negro não tem alternativa, ele precisa aceitar valores impostos pelo mundo branco; ele vai pois recusar tudo aquilo que tem uma forte conotação negra, isto é, afro-brasileira.” (ORTIZ, 1978, p. 30). Isto ocorre por conta de um “complexo de inferioridade” do negro diante o branco, decorrente do sistema escravocrata brasileiro.

O termo “empretecimento”, por outro lado, “é somente o movimento de uma camada social branca em direção às crenças tradicionais afro-brasileiras; trata-se de uma aceitação do fato social negro, e não de uma valorização das tradições negras.” (ORTIZ, 1978, p. 30).

O processo de “embranquecimento” e o de “empretecimento” resultam das próprias transformações sociais. Como uma “exigência” de uma sociedade moderna, racionalizada e moralizada, mencionada por Ortiz (1978, p. 44):

A Umbanda aparece pois como uma solução original; ela vem tecer um liame de continuidade entre as práticas mágicas populares à dominância negra e a ideologia espírita. Sua originalidade consiste em reinterpretar os valores tradicionais, segundo o novo código fornecido pela sociedade urbana e industrial. O que caracteriza a religião é o fato de ela ser o produto das transformações socioeconômicas que ocorrem em determinado momento da história brasileira.

A UMBANDA NO RIO DE JANEIRO

Em novembro de 1908, Zélio de Moraes participa da primeira sessão de Umbanda. No entanto, apenas em meados de 1920 funda-se um centro de Umbanda organizado no Rio de Janeiro, mais especificamente em Niterói, registrado oficialmente pelo capitão José Álvares Pessoa.



Zélio de Moraes se reúne pela primeira vez com o presidente da Federação Espírita de Niterói, José de Souza e demais membros da diretoria. <<http://pretovelhonaumbanda.blogspot.com.br/2013/06/pesquisando-o-que-e-nossa-umbanda.html>>. Acesso em: 22 mai. 2016.

Para fiéis da Umbanda seria esta uma religião que prega a paz, a união e a caridade. A origem da palavra Umbanda perde-se no tempo, pois são várias as definições que já foram apresentadas a respeito de tal nome.

Há conceitos básicos da “Lei de Umbanda” que se fundamentam na existência de um Deus único; na crença de entidades espirituais em evolução; crença em orixás e entidades chefiando falanges que formam a hierarquia espiritual; crença em guias espirituais; na existência da alma; na prática da mediunidade sob forma de desenvolvimento espiritual do médium; e na manifestação de espíritos em prol da caridade.

A progressão do processo de “empretecimento” foi mais acentuada no Rio de Janeiro, mas ela não se restringe somente a esta região. Por exemplo, em 1926, Otacílio Charão, após uma estadia de dez anos na África, volta ao Rio Grande (RS) e abre o Centro Espírita Reino de São Jorge. (ORTIZ, 1987).

Em 1939 forma-se, no Rio de Janeiro, a Federação Espírita da Umbanda, que reunia diversos centros. Em 1941, realiza-se o Primeiro Congresso Umbandista, que tem o objetivo de estudar a religião e codificar os ritos. Com isso, o processo de formação religiosa, que se anunciava há vinte anos, passa a se expressar por canais oficiais.

O Rio de Janeiro foi uma das importantes fontes criadoras e irradiadoras das práticas culturais afro-brasileiras para todo o país.

SINCRETISMO

Segundo Prandi (2004), a Umbanda é a chamada “religião brasileira”, pois juntou o catolicismo branco, a tradição dos orixás da vertente negra, símbolos, espíritos e rituais de referência indígena. Inspirando-se, assim, nas três fontes básicas do Brasil mestiço, onde há o sincretismo.

Podem-se discernir os elementos que integram o sincretismo umbandista, como mostra Camargo (1961, p. 8-9):

- a) Religiões de origem africana – dos povos Sudaneses e Bento – que vieram para o Brasil como escravos;
- b) Catolicismo;
- c) Espiritismo Kardecista;
- d) Religiões indígenas.

O Candomblé, segundo Bastide (1971), se desenvolveu no Brasil no século XIX como uma mistura de tradições religiosas trazidas através dos escravos africanos de diversas origens étnicas, onde se juntaram sincreticamente com o Catolicismo dos colonizadores portugueses.

Pode-se observar um pouco das classes no trecho de Prandi (1990, p. 55):

A Umbanda que nasce retrabalha os elementos religiosos incorporados à cultura brasileira por um estamento negro que se dilui e se mistura no refazimento de classes numa cidade que, capital federal, é branca, mesmo quando proletária, culturalmente europeia, que valoriza a organização burocrática da qual vive boa parte da população residente, que premia o conhecimento pelo aprendizado escolar

em detrimento da tradição oral, e que já aceitou o kardecismo como religião, pelo menos entre setores importantes da igreja católica.

A partir de então se consolidará na Umbanda a presença da entidade no transe ritual, mais voltado para a cura, limpeza, aconselhamento dos fiéis e clientes, afastando-se de outro ideal kardecista, que seria a comunicação com os mortos. Além disso, é importante destacar as referências católicas no interior da religião umbandista, como mostra Prandi (2004, p. 06):

Nos ritos da Umbanda, as preces católicas e a invocação de Jesus, Maria e santos da igreja nas letras dos cantos sagrados continuam indispensáveis. Num hipotético processo de dessincretização da Umbanda, grande parte de seu hinário teria que ser abandonada, pois as referências às crenças católicas são muito explícitas.

Tais referências são frutos de todo processo de sincretismo que ocorreu com a chegada da Umbanda em território brasileiro. Uma religião que teve que aceitar essa mistura para ser aceita na sociedade da época.

A religião apareceu como uma variante religiosa mais notadamente brasileira, que tinha como objetivo alcançar o “status da Macumba”, isto é, uma versão “vulgarizada” do Candomblé, por sua associação com o espiritismo de Allan Kardec. (BELLO; SÁ; JODELET, 2008). Por se tratar de um tema amplo, há divergências sobre o assunto e principalmente quando o sincretismo é mencionado.

Ao contrário dos autores citados anteriormente, que apontavam a religião como uma “versão vulgarizada do Candomblé” -, é preciso explicar que mesmo a Umbanda sendo aberta à multiplicidade cultural e social brasileira, ela não é inferior aos cultos estruturados em dogmas religiosos mais rígidos e menos miscigenados, como os já citados aqui antes, sendo suas vertentes formadoras principais. Como alerta Magnani (1986 citado por TRAMONTE, 2014, p. 96):

A umbanda certamente não é uma espécie de degeneração de antigos cultos africanos ou do espiritismo kardecista. É, sim, o resultado de um processo de reelaboração, em determinada conjuntura histórica – e cuja complexidade... de ritos, mitos e símbolos... no interior de uma nova estrutura adquirem novos significados.

PONTOS DISTINTOS ENTRE UMBANDA E CANDOMBLÉ

Não será realizada uma diferenciação profunda entre estas duas práticas, mas sim levantar alguns indicadores que possam explicar o fenômeno.

“Umbanda e Candomblé são religiões de pequenos grupos que se congregam em torno de uma mãe ou pai de santo, denominando-se terreiro também cada um desses grupos.” (PRANDI, 2004, p. 7).

Mesmo essas duas religiões tendo raízes comuns, há diferenças. A Umbanda representaria o Brasil e o Candomblé, a África. A primeira corresponde à integração das práticas afro-brasileiras na sociedade “moderna” brasileira. Já a segunda, seria o contrário, com a conservação da memória coletiva africana em terras brasileiras.

Com isso, o Candomblé liga a ideia de “terra Mãe”, significando o retorno nostálgico a um passado negro. A Umbanda difere, pois ela tem consciência de sua brasilidade, aparecendo como uma religião nacional que se opõe às religiões de importação, como o catolicismo, protestantismo e kardecismo.

É necessário destacar algumas características dominantes da Umbanda e também do Candomblé. Como é mostrado na obra de Cintra (1985, p. 78):

A Umbanda

1. Ritual variando pela origem;
2. Vestes, em geral, brancas;
3. Altar com imagens católicas, pretos-velhos e caboclos;
4. Sessões espíritas, formando agrupamentos dispostos em pé, em salões ou terreiros;
5. Desenvolvimento mediúnico normal ou corrente;
6. Bases: africanismo, espiritismo, amerindismo, catolicismo, ocultismo;
7. Serviço social constante, nos centros;
8. Finalidade de cura material e espiritual;
9. Magia branca;
10. Batiza, consagra e casa.

O Candomblé

1. Ritual fixo de uma nação africana;
2. Uso da língua e costumes africanos;
3. Vestes coloridas, e insígnas de cada orixá;
4. Altar interno conforme as usanças africanas;
5. Festas públicas só para divindades;
6. Preparação dos adeptos: longa, secreta e segregada;
7. Teme, de algum modo, as almas;
8. Não aceita, no geral, a reencarnação;
9. Base: raízes mosaicas e maometanas;
10. Sacrifício animal;
11. Orquestra ritual constante;
12. Batiza e consagra.

A Umbanda e o Candomblé são religiões mágicas. Ambas pressupõem o conhecimento e o uso de forças sobrenaturais para a intervenção neste mundo, o que privilegia o rito e valoriza o segredo iniciático. (PIERUCCI, 2001 citado por PRANDI, 2004).

KARDECISMO

Segundo Laplantine e Aubrée (1990, citado por LEWGOY, 2006), o espiritismo nasce como uma religião racionalista e progressista no século XIX francês. A respeito de tal religião, Lewgoy ressalta (2006, p. 156-157):

Ao lado da busca de uma moral contida nas mensagens psicografadas, há uma edificação de uma linguagem experimental para redescrever um espectro de fenômenos que pertenciam à tradição popular judaico-cristã, como comunicação com os mortos, sonhos com parentes falecidos e aparições de fantasmas. Ao crer na possibilidade de evocar e controlar experimentalmente esses fenômenos, o espiritualismo profanava a sacralidade religiosa da relação com o além.

Allan Kardec foi um pedagogo de grande integridade intelectual, estudou e verificou que os princípios da doutrina que elaborava encontravam-se em todos os modos de crenças e religiões, em diferentes épocas e lugares, para ele, o espiritismo seria o elo entre todas as crenças.

Tal doutrina seria também a aliança entre religião e ciência. Deus existia, mas estava longe e precisava de mediadores para ajudar a humanidade a expiar suas faltas e progredir. Os principais dogmas do espiritismo eram a reencarnação e a pluralidade de mundos.

“O espiritismo visava ao “progresso individual e social” e desejava instaurar nas relações humanas um regime de transparência generalizada que poria fim à hipocrisia e à mentira.” (DEL PRIORE, 2014, p. 56).

Algumas das principais teses do espiritismo, segundo Camargo (1961, p. 7-8):

- I. Possibilidade e conveniência de comunicações com entidades espirituais desencarnadas.
- II. Crença na reencarnação.
- III. Não há distinção entre o natural e o sobrenatural, nem entre religião e ciência. Não há graça. O progresso relativo dos indivíduos depende, exclusivamente, do mérito pessoal acumulado nesta e em encarnações anteriores.
- IV. A caridade é a virtude principal – talvez única – e se aplica tanto aos vivos como aos mortos, ou desencarnados, como sempre preferem dizer.
- V. Deus, embora existe, é por demais longínquo e se perde na distância incomensurável de um ponto espiritual que mal podemos vislumbrar.
- VI. Jesus Cristo é visto como grande entidade encarnada – a maior que já veio ao nosso mundo. O Evangelho foi reinterpretado, segundo o Espiritismo, em famoso livro de Allan Kardec.

O kardecismo no Brasil abandonou a intenção de ser também ciência, sob orientação de seu importante líder, Francisco Xavier. A grande capacidade de organização e de constituição burocrática não foi plenamente alcançada pela Umbanda.

Para Prandi (1990), o kardecismo é uma religião que deu certo numa sociedade em que “cada um conhecia seu lugar”. Os líderes espíritas foram pequenos intelectuais de uma pequena-burguesia urbana tradicional, escolarizada, filhos de famílias com um mínimo de status e com certa visibilidade social.

Ainda que muitos pobres ou uma maioria de pobres constituíssem as bases do kardecismo, do final do século passado até poucos anos após 1950, “a existência da religião dependia muito dessa camada média letrada que optara intencionalmente por essa religião como uma alternativa cristã ilustrada”. (PRANDI, 1990, p. 63).

DAS DIFICULDADES PARA A ACEITAÇÃO

O reconhecimento do espiritismo atualmente é incontestável, porém a religião encontrou obstáculos ao decorrer de sua legitimação. Um deles foi a ciência, ou seja, o saber médico, como já foi mostrado anteriormente. A religião foi associada à loucura e à possessão, fazendo com que ficasse lado a lado com doenças contagiosas, alcoolismo e a sífilis. É interessante observar e analisar, como no relato de Roxo (1918 citado por DEL PRIORE, 2014).

Os casos de doenças mentais provocadas pelo espiritismo vêm aumentando consideravelmente nos últimos tempos, é raro o dia em que não me é dado observar pelo menos um, no Instituto de Neuropatologia em que funciona a clínica da Faculdade de Medicina. A sífilis, o alcoolismo e o espiritismo são fatores que concorrem em 90% dos casos de alienação mental.

Nas décadas de 1940 e 1950, o Brasil já havia firmado em seu ideário nacionalista suas bases sobre a mestiçagem como viés fundamental da identidade brasileira, reconhecendo as contribuições de negros e índios. Nas elaborações teóricas da intelectualidade nacional e das representações sobre o país, parecia firmar-se a hegemonia de uma visão multicultural, onde a cultura de origem negra trazia a contribuição que integrava a “espinha dorsal” da cultura nacional. No entanto, a realidade cotidiana era diferente, como mostra Tramonte (2014, p. 90):

[...] nas instituições e na opinião pública, os praticantes das religiões afro-brasileiras continuavam sendo alvo da violência física e simbólica que havia alicerçado suas bases sobre a população negra em situação de escravidão no século XIX e que adentrava o século XX, tangenciando a propalada modernidade e estigmatizando a cultura daqueles que, apesar de libertos, permaneciam à margem da sociedade.

Por conta do fenômeno urbano, a Umbanda já nasce com um campo delimitado. Esse aspecto lhe proporciona, por um lado uma expansão e diversidade social, que não era próprio das religiões africanas no Brasil em suas origens, por outro, a condição urbana impõe restrições como a proximidade da vizinhança, que será um forte empecilho na sua trajetória.

“Muitas vezes acionadas como pretexto para a repressão, as questões de vizinhança, por exemplo, encobriram o verdadeiro motor desta – o preconceito – e tornou ainda mais difícil a argumentação para a defesa por parte do povo-de-santo.” (TRAMONTE, 2014, p. 91).

Segundo Tramonte (2014), o período que envolve as décadas de 1940 a 1960 foi de quebra de preconceitos, estabelecimento de alianças com setores médios e das elites em geral, com um certo distanciamento aparente entre essas e as práticas religiosas afro-brasileiras. As classes médias e elites procuraram as religiões afro-brasileiras para beneficiar-se de suas curas espirituais ou físicas, ou tentar encontrar algum consolo para suas aflições.

A procura desses setores pelos terreiros será mais cotidiana do que se possa prever e isto será feito de forma ainda mais silenciosa e anônima do que da parte das classes populares.

Em relação às federações, a partir de 1950 constata-se que o número se multiplica no nível municipal, regional e estadual e até mesmo nacional. Por volta de 1960, estudando a Umbanda, Kloppenburg (1961 citado por ORTIZ, 1978, p. 40) realiza uma lista dessas instituições:

- Esfera Nacional:
 - Confederação Espírita Umbandista
 - Grande Federação de Umbanda
 - União Espírita de Umbanda
 - União dos Espíritos de Umbanda
 - Associação Umbandista Brasileira
 - Colégio Espiritualista de Umbanda do Brasil
 - Ordem Umbandista de Silêncio
 - Primado de Umbanda
 - Círculo Umbandista do Brasil
 - União Nacional dos Cultos Afro-Brasileiros

- Esfera Estadual:
 - Federação Umbandista de Estado de São Paulo
 - União de Umbanda do Rio Grande do Sul
 - Federação Espírita Umbandista do Estado do Rio de Janeiro

Liga Umbandista São Jerônimo do Estado de São Paulo
Cruzada Federativa Espírita de Umbanda do Est. de S. Paulo
Associação Ritualística Afro-Brasileira (Santos-SP)
Federação Pernambucana do Culto Afro-Brasileiro
Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro
Federação Umbandista do Estado do Rio de Janeiro
Federação dos Cultos Afro-Brasileiros do Recife

A Umbanda representou um grande “guarda-chuva” protetor para seus adeptos, pois na história das religiões afro-brasileiras, esta foi a que mais provou os degraus da aceitação social devido ao seu formato sincretizado e também por incluir indivíduos brancos de classes médias e altas na composição de seus integrantes. (TRAMONTE, 2014).

POSTURA DA IGREJA CATÓLICA

Neste momento, é proposto apenas apresentar a postura da Igreja Católica no Brasil diante da Umbanda na época, sem o propósito de aprofundar o seu estudo.

Em relação à mesma, esta não se pronunciava sobre a Umbanda em seu período inicial. Essa era tratada apenas como um “baixo espiritismo”, vista como uma forma degenerada do kardecismo, o “alto espiritismo”. Apenas no final da década de 1940 a Igreja Católica iria declarar-se contra a Umbanda, reconhecendo-a como religião inimiga. (BROWN, 1987 citado por PRANDI, 1990, p. 60). Isso pode ter ocorrido por conta da proporção que a religião umbandista estava tomando.

O Estado, desligado da Igreja Católica desde a República, na prática funcionou por tempo como uma espécie de braço armado da Igreja contra os cultos e práticas de origem africana, indígena e mesmo do catolicismo de cura pré-ultramontano. Até o final da ditadura Vargas, a Umbanda experimentou, amargamente, a sistemática perseguição por parte dos órgãos policiais, como já experimentara o Candomblé da Bahia durante a primeira metade do século, o xangô pernambucano nos anos 30, e o xangô alagoano praticamente dizimado nos anos 20. (PRANDI, 1990).

Como foi analisado em observações pastorais, é interessante mostrar os seus posicionamentos encontrados. Em um deles, a Igreja Católica veria a Umbanda como paganismo. Como mostra Costa (1976, p. 81): “Não desconhecemos, contudo, que o paganismo não é totalmente mau e pode estar, sob certos aspectos, numa etapa primitiva de preparação para a revelação da graça de Deus.”.

Tais observações são divididas em tópicos dentro de um dos livros analisados, sendo realizadas por Costa (1976, p. 82), onde algumas delas são bastante intrigantes: “A Umbanda é realidade religiosa à qual não podemos fechar os olhos [...]”, isto por conta dos terreiros então registrados. Em outro, discorre-se como seria para resolver o problema da Umbanda pelas implicações culturais e psicológicas dos que a praticam, “[...] será necessário um longo período de educação e esclarecimento que leve as pessoas a uma mentalidade religiosa mais purificada e consciente.” Por fim destas, há a constatação religiosa de sincretismo:

[...] embora explicável historicamente - impõe-nos o grave dever de orientar o povo para que vença sua ignorância quanto à Fé e viva a plenitude da mensagem cristã. Devemos encontrar formas de pastoral que ajudem os “católicos-umbandistas” a saírem de seu equívoco religioso.

A Igreja teria o “caminho do diálogo” com as religiões não-cristãs, todas dignas de respeito, na medida em que contêm alguns valores religiosos ou socioculturais. “O negro, com o branco e o indígena, é um dos três elementos, de cujo caldeamento resultou a raça brasileira. Herdamos dos negros (30% da raça brasileira) a música, o ritmo, a arte culinária, o samba, etc.” (CINTRA, 1976, p. 108). Além disso, afirma-se que os cultos atuais respondem a esses apelos raciais.

Por conta da proporção da religião umbandista, a Igreja tomaria alguma postura, como é mencionado pelo Cintra (1976, p. 108):

É urgente trabalharmos para uma adaptação de nossa liturgia, de nossos cantos, de nossa oratória, a única maneira de trazer para nós alguns umbandistas e, sobretudo, de impedir o êxodo cada vez maior de católicos para o campo afro-brasileiro, espírita ou pentecostal.

Em outro livro também analisado, observou-se a atitude que a Igreja deveria tomar em relação ao conjunto “emaranhado de práticas religiosas confusas”, sendo uma atitude dupla, segundo Cintra (1985, p. 155):

a) face aos católicos, incessantemente atraídos a conhecer, experimentar ou participar desses cultos, levados por motivos diversos: curiosidade, falta de instrução ou de oportunidade para uma participação maior na Igreja católica, recurso (por indigência ou em desespero de causa) aos poderes taumatúrgicos ou à eficácia da medicina vegetal. Esses católicos devem ser esclarecidos, alertados, dissuadidos dessas atitudes, mostrando-lhes os inconvenientes físicos, psíquicos, morais e espirituais que lhes poderiam advir da frequência desses cultos;

b) face aos que aderiram de longa data a esses cultos, a Igreja deve usar de um diálogo prolongado e paciente. A excomunhão, a tachação de heresia, o afastamento não seriam as medidas adequadas a uma situação de boa fé e de ignorância invencível por parte da quase maioria. A prática pastoral, que é pedagogia e uma arte, deverá ditar concretamente os caminhos a trilhar.

O que era simplesmente incompatibilidade teológica transforma-se em razão de combate, isto porque a Umbanda aparece doravante como uma ameaça aos católicos brasileiros, que acabam realizando algumas campanhas antiumbandista por conta do mercado concorrencial. A aceitação do movimento umbandista pela Igreja não se faz por acaso, ela segue a linha histórica desta religião que se bate por sua legitimação. (ORTIZ, 1978).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Umbanda se impõe hoje com toda sua força, sendo fruto das transformações sociais que ocorreram no Brasil no início do século XX. Dotada de meios modernos de comunicação de massa, como livros, jornais, revistas, rádio, acesso à televisão, a Umbanda aparece como uma religião nacional. Como foi visto, é considerada uma religião brasileira de origem africana, pois juntou o catolicismo branco com a tradição dos orixás da vertente negra e também com os símbolos, espíritos e rituais de referência indígena, inspirado nas três fontes básicas do Brasil mestiço.

Sendo assim, os intelectuais buscavam a compreensão da sociedade brasileira, a Umbanda viria a se tornar uma das religiões mais populares do país, situando-se como uma incentivadora da mobilidade social, aberta a todos.

UMBANDA AS A NEW RELIGION IN THE 20th CENTURY

ABSTRACT

In the first decades of the 20th century, medical ideas against spiritualism became radical. In the 1920s, the Society of Medicine and Surgery of Rio de Janeiro advocated that spiritualism not only compromised the health of the people but also that it was associated with psychic anomalies. Umbanda is considered a Brazilian religion of African origin, since it united white Catholicism with the tradition of the orishas of the black strand, and also with the symbols, spirits, and rituals of indigenous reference, inspired by the three basic sources of the Brazilian mixed and mongrel peoples. The aim of this study is to analyze the formation of Umbanda in Brazil in the 20th century, starting in the 1920s Rio de Janeiro, through a

Universidade do Sagrado Coração

Rua Irmã Arminda, 10-50, Jardim Brasil – CEP: 17011-060 – Bauru-SP – Telefone: +55(14) 2107-7000

www.usc.br

historiographical discussion and analysis of pastoral texts of the Catholic Church. Its growth, its characteristics, and the difficulties for the practice of the religion in the country, as well as its relation with the Candomblé, Kardecism are considered. It also reflects upon the position of the Catholic Church in face of this religion.

Keyword: Umbanda. Conflicts. Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

BELLO, R. A.; SÁ, C. P.; JOADELET, D. A representação social e a eficácia das práticas de cura na umbanda no Rio de Janeiro. In ZANELLA. **Psicologia e práticas sociais**, Rio de Janeiro, p. 229-239, 2008. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-22.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2016.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.

CINTRA, Raimundo. **Candomblé e Umbanda: o desafio brasileiro**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

CNBB LESTE 1. **Macumba: cultos afro-brasileiros**. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1976.

DEL PRIORE, Mary. **Do Outro Lado: a história do sobrenatural e do espiritismo**. São Paulo: Planeta, 2014.

LEWGOY, Bernardo. Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista: Antigas e novas configurações. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, v. 6, n. 2, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/144005/000595806.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 7 nov. 2016.

ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes**. Petrópolis: Vozes, 1978.

PRANDI, Reginaldo. Modernidade com feitiçaria: Candomblé e Umbanda no Brasil do século XX. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, SP, p. 49-74, 1990. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84787/87501>>. Acesso em: 5 abr. 2016.

_____. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**, São Paulo, SP, v. 18, n. 52, sept.-dec., 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300015>. Acesso em: 5 abr. 2016.

TRAMONTE, Cristiana. Religião, Resistência e História: Construção e Afirmação da Umbanda em Santa Catarina. **Mouseion**, Canoas, n.17, p. 89-97, abr. 2014. Disponível em: < <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/viewFile/1588/1060>>. Acesso em: 7 nov. 2016.